

## Victor de Sá – História e cidadania \*

Gaspar Martins Pereira

Venho aqui dar um abraço de gratidão ao meu amigo e mestre Victor de Sá, com quem tive a honra e o privilégio de aprender e de trabalhar no ofício da história nos últimos 25 anos. Quero agradecer-lhe, em primeiro lugar, o estímulo com que acarinhou e incentivou os meus primeiros trabalhos de iniciação à investigação, ainda como estudante, os primeiros textos que publiquei, ou ainda o interesse e atenção com que acompanhou, um pouco mais tarde, o meu projecto de doutoramento. Quero agradecer-lhe, também, todo o apoio que me deu na minha actividade docente, em especial quando, em 1987, fui aceite como seu assistente na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Mas, acima de tudo, não esqueço a forma sempre elegante e profundamente humana com que o fez, a disponibilidade, a tolerância e a abertura com que acolheu as minhas opiniões, inquietações e dúvidas, a confiança e o entusiasmo que me transmitiu nos momentos difíceis. Devo dizer que nunca senti, antes pelo contrário, que qualquer dos domínios de investigação histórica que fui tacteando, mesmo os mais distantes dos seus temas de pesquisa, desde a história da família à história do quotidiano, da história urbana à história da vinha e do vinho, interessasse menos o Professor Victor de Sá. Leu, anotou e discutiu comigo alguns dos artigos que escrevi, dando-me sugestões preciosas.

---

\* Intervenção no colóquio "Uma cidadania para a história".

Conheci, pessoalmente, o Professor Victor de Sá, em finais de 1975, num tempo de agitação e mudança, na Universidade e fora dela, ainda muito marcado pelas esperanças e promessas da revolução de Abril de 1974. Até esse momento ele era para mim apenas um nome respeitável que eu associava à Oposição à ditadura e a dois livros que, pouco antes, comprara na Livraria Académica (*A Crise do Liberalismo e as Perspectivas do Século XIX*). Sabia – sabia-se nos meios da esquerda estudantil em que eu circulava – que nesse Verão Quente a sua «Livraria Victor», em Braga, fora alvo de ataques terroristas da extrema-direita. Lembro-me bem de, ainda no Seminário de Vilar, onde a Faculdade funcionou transitoriamente, nas primeiras aulas da disciplina de *Colonialismo e Descolonização*, que eu escolhera como opção, ter ficado um pouco decepcionado, pois não esperava que fosse uma pessoa tão discreta, amável, tolerante e serena, contra-imagem do *cliché* de revolucionário que eu formara nos meus dezanove anos. Voltei a ser seu aluno, em 1979, já no último ano do curso, na disciplina de *História de Portugal (séculos XVIII-XX)*.

Foi entre essas datas, que balizaram também o meu curso, que eu percebi a importância da sua obra, vasta e polifacetada, e o papel decisivo que teve o Professor Victor de Sá na abertura de novos caminhos no ensino, na investigação e na divulgação da História, em particular na nossa Faculdade de Letras do Porto.

Antes de mais, desde que foi aí admitido, em Setembro de 1974, Victor de Sá empenhou-se não só na docência, que tantas vezes transformou em exercício de reflexão e diálogo, na perspectiva de «repensar Portugal», mas também na estruturação de uma área de História Contemporânea, até então inexistente. Além disso, nunca concebeu o ensino universitário desligado da investigação. Estimulava todos os seus estudantes a elaborarem trabalhos de pesquisa, orientava-os com rigor, discutia-os e incentivava muitos deles a prosseguirem novas investigações sobre as temáticas em causa. A importância que atribuía à investigação no quadro académico fez com que se batesse pela formação de um Centro de Investigação Histórica, o Centro de História da Universidade do Porto, que reuniu uma biblioteca especializada e apoiou activamente a preparação de dezenas de teses de doutoramento e, mais tarde, também de mestrado, além de inúmeros trabalhos dos estudantes de licenciatura.

Em 1978, o episódio ainda não totalmente esclarecido da sua reprovação nas provas para professor agregado da Faculdade de Letras do Porto veio-me revelar, um pouco fortuitamente, outras facetas para mim então desconhecidas do cidadão Victor de Sá. A injustiça flagrante da decisão do júri foi sentida pela maioria dos estudantes e dos professores da Faculdade. Numa altura muito marcada pelo reemergir em força de grupos de direita na Academia, falava-se, então, entre nós, os das esquerdas, independentemente das diferenças partidárias que nos separavam, de atitudes revanchistas contra um dos professores que mais simbolizava a luta pela liberdade e pela democracia. E circulavam, nas conversas, episódios do seu passado de lutador contra o salazarismo, das agressões e inúmeras prisões de que fora vítima.

Só mais tarde pude perceber a verdadeira dimensão do combate cívico de Victor de Sá, que ultrapassou muito a participação activa em todos os grandes momentos de oposição à ditadura, desde o Movimento de Unidade Nacional Anti-Fascista, criado em 1943, às manifestações do pós-guerra e ao Movimento de Unidade Democrática, formado em 1945, às candidaturas presidenciais de Norton de Matos, em 1949, e de Humberto Delgado, em 1958, até às diversas campanhas eleitorais para deputados utilizadas pelas oposições para denunciar a ditadura. Esse contínuo combate político acarretou-lhe dissabores e violências. Preso oito vezes pela Polícia política, de uma das vezes, em Janeiro de 1960, a PIDE encerrou-lhe também a livraria. Valeu-lhe então a solidariedade dos comerciantes de Braga que fecharam as suas lojas em sinal de protesto, obrigando a PIDE a reabrir a livraria passados três dias. Até 1974, foi sempre impedido de leccionar no ensino público. Em 1959, após ter concluído a licenciatura em Ciências Histórico-Filosóficas na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, concorreu a um lugar de professor na Escola Técnica de Braga. A sua nomeação chegou a ser publicada no *Diário do Governo*, mas os próceres do regime mexeram-se e Victor Sá não chegaria a tomar posse. Em 1963, tendo conseguido uma bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian, foi para Paris, onde se manteve até 1969, altura em que concluiu o seu doutoramento na Sorbonne, com a tese sobre *A Crise do Liberalismo e as primeiras manifestações das ideias socialistas em Portugal (1820-1852)*. À chegada a Lisboa, é preso. Apesar da propalada abertura do regime, o marcelismo não lhe reconheceu nem o título académico duramente alcançado

nem o valor de uma já imensa obra de investigação, que abriu novos caminhos no estudo da história contemporânea portuguesa.

Em Victor de Sá, a reflexão e a produção histórica integram-se, de resto, na linha de preocupações que manteve desde a juventude a propósito da eficácia social da cultura. Foi nessa linha que empreendeu um longo combate pela divulgação do livro e pela educação popular, contra o obscurantismo. A experiência das *Bibliotecas Móveis*, que lançou em 1942, tinha então 21 anos, foi um dos mais belos exemplos da sua acção cívica pela democratização da cultura.

Em Victor de Sá, a história, ela mesma, é concebida como um instrumento de cidadania, chave para interpretar a sociedade portuguesa e para pensar o desenvolvimento. Para Victor de Sá, a história «é essencialmente o conhecimento racional, crítico e sistematizado das grandes linhas de evolução ou transformação das sociedades, através dos acontecimentos verdadeiramente significativos e determinantes de uma época. A história é uma tomada de consciência do homem considerado colectivamente. [...] É que o passado não vale por si exclusivamente, mas sobretudo pelo que responde às inquietações do presente. Ao mesmo tempo, é da visão dos factos contemporâneos que subimos até à compreensão dos factos pretéritos. O historiador que seja apenas o descobridor ou coleccionador de factos do passado, aquele que se fecha nos arquivos de olhos cerrados para a realidade contemporânea que o cerca, mais tenderá a mitificar a história do que a científicá-la. [...] É preciso ser cidadão na sociedade contemporânea, intervir nela, para compreender a sociedade remota. Este historiador-cidadão – escreve ainda Victor de Sá – é o que estará apto a interrogar o passado e dele recolher respostas válidas às inquietações presentes e à abertura de caminhos para o futuro» [SÁ, *A História em discussão*, p. 20].